



JÁCOME, Cecília Lauritzen. **Um teatro em busca de si mesmo**. Porto Alegre: UFRGS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestrado; Vera Lúcia Bertoni dos Santos. Bolsista CAPES. Atriz.

RESUMO

O estudo constitui parte das análises da pesquisa de Mestrado intitulada "Processos de preparação cênica e de ocupação da rua pelo teatro: um estudo a partir de grupos atuantes em Porto Alegre". A questão central da investigação envolve noções que estão implicadas nas relações entre teatro e cidade. Como procedimento metodológico realizaram-se entrevistas com artistas representantes de cinco grupos atuantes de Porto Alegre, que possuem, em medidas diferentes, experiências teatrais no espaço urbano. Os depoimentos evidenciam algumas dúvidas com relação às suas práticas, que os levam a se questionar sobre a natureza dos seus próprios fazeres teatrais "de rua", ou "na rua". Como conceituar as práticas teatrais realizadas nos espaços urbanos a partir de enquadramentos tão correntes, mas que não parecem comportar a diversidade da produção contemporânea? Nesse sentido, o estudo busca ampliar a compreensão a respeito das práticas contemporâneas de teatro no espaço urbano a partir dos estudos de André Carreira, Evelyn Furquim e Narciso Telles, colocando em diálogo diferentes experiências de grupo que contribuam com a problematização referente às noções mencionadas.

PALAVRAS-CHAVE: teatro; espaço urbano; grupo

ABSTRACT

The study is part of the analysis of Master research titled "Process for scenic preparation and occupation by the street theater: a study from groups working in Porto Alegre". The central question of research involves concepts that are involved in the relationship between theater and the city. As a methodological procedure held interviews with representatives of five artists working groups of Porto Alegre, which have, in different measures, theatrical experiences in urban space. The interviews show some doubt about their practices, which lead them to inquire about the nature of their own doings theatrical "of street" or "in the street". How can we conceptualize the theatrical practices usually done on urban space, but which do not appear to involve the production of contemporary diversity? In this sense, the study seeks to broaden the understanding of contemporary theater practice in urban studies from André Carreira, Evelyn Furquim and Narciso Telles, putting in different dialog group experiences that contribute to the questioning regarding the concepts mentioned.

KEYWORDS: theater; urban space; group

O presente artigo constitui parte da categorização prévia, feita a partir dos depoimentos dos representantes de cinco grupos de teatro da cidade de Porto Alegreⁱ. A partir do material, coletado e transcrito, busco ressaltar alguns elementos presentes nos discursos dos entrevistados. Estes, que muitas vezes confirmam, ou contrapõem-se, aos modelos “tradicionais” que permeiam as práticas do fazer teatral na rua representam a motivação inicial para a reflexão teórica atual.

A ideia geral do trabalho que se desenvolve é levantar categorias que permitam refletir sobre os processos criativos que estão envolvidos na prática do teatro de rua, levando em consideração as práticas dos diferentes grupos, bem como seus desdobramentos nos espaços da cidade.

É importante ressaltar a dificuldade em distinguir os aspectos que caracterizam as categoriasⁱⁱ que foram levantadas, devido à relação de interdependência que existe entre as noções abordadas no que se refere à compreensão do fenômeno teatral na rua. Desta forma, faço uma distinção dos aspectos, que neste primeiro momento foram ressaltados a partir dos discursos, porém enfatizo que os entendo entrelaçados, como fios de um tecido, sendo necessária por ora a separação para melhor compreender e caracterizar a experiência teatral na rua.

Sendo assim, os elementos evidenciados no discurso dos representantes dos grupos servem de embasamento para as suposições que constituem a base primeira do trabalho. Com estes pontos, estabeleço relações com as teorias dos autores que discutem as questões relativas ao teatro de rua atualmente.

Nesse sentido, a intenção do presente artigo é refletir sobre alguns aspectos que envolvem a noção de teatro de rua, levando em consideração os procedimentos de preparação do espetáculo e ocupação da rua, segundo os grupos estudados e alguns dos teóricos referenciados durante o trabalho.

Primeiramente, um dos aspectos em evidência na maior parte dos depoimentos coletados é a preocupação dos grupos em se manifestarem esclarecendo, de antemão, que não podem ser considerados, grupos de teatro de rua. Diante de tal fato, percebe-se a pertinência em discutir, proporcionando um diálogo entre grupos que estão na prática cotidiana e pesquisadores, a questão da caracterização acerca da prática do teatro de rua.

Para tanto, destaco os três depoimentos que demonstram o pensamento dos grupos com relação à prática de rua:

Olha só...eu não me considero e não considero o “Stravaganzza” um grupo de teatro de rua. Pra gente dizer que a gente faz teatro de rua a gente teria que ter pelo menos uns dez espetáculos no currículo (MOTTOLA, 2011).

Eu também acho que o “Falos” não é um grupo de teatro de rua sabe? Clássico!! Acho que até é um meio muito rançoso o do teatro de rua. [...] Por que eu acho que a gente faz teatro na rua, em espaço alternativo (VARGAS, 2011).

O teatro tem que ser uma intervenção, pra mim ele tem que vir em cortejo ou vir sorrateiro. [...] Por que tem que carregar tudo nas costas, chega, acontece, se instala, cria o espaço mágico e depois *puff*, assim como o ator! (CASTILHOS, 2011).

A partir dos argumentos dos representantes dos grupos, verifico que três aspectos distintos foram levados em consideração na caracterização das suas práticas. O primeiro diz respeito ao repertório do grupo, ou seja, à sua trajetória e à quantidade de espetáculos produzidos que se enquadram na modalidade do teatro de rua. Dessa forma, na visão de Mottola (2011), é a experiência do grupo que permite dizer se a sua prática se caracteriza, ou não, como tal.

O segundo aspecto parece relacionar-se aos códigos que caracterizam tal modalidade. Na concepção de Vargas (2011), o “Falos e Stercus” não pode ser considerado um grupo de teatro de rua no sentido “clássico”, o que me leva a verificar que existe, sim, um teatro de rua, comumente feito, ou divulgado como tal, que imprime uma generalização acerca do termo, ou seja, um “ranço”, como cita o representante.

O representante do grupo “Povo da Rua”, Castilhos (2011) levanta o terceiro aspecto que diz respeito ao acontecimento que o teatro de rua provoca, ou seja, independentemente da escolha de linguagem ou estética, essa prática caracteriza-se pela abordagem do espaço e do público, que deve acontecer de forma “invasiva”, no sentido de que deve surpreender, causar uma ruptura com o uso cotidiano da rua e com a expectativa do público.

Em que pese a sua não identificação com o teatro de rua “clássico”, Vargas (2011) ressalta que o “Falos” faz teatro na rua, ou em espaços alternativos, o que me induz a levantar uma suposição acerca da diferenciação das duas práticas. Com base nesses depoimentos é possível inferir que o teatro de rua seria aquele que pode ser feito em qualquer espaço aberto, público, e o teatro na rua, seria aquele que conta com as conformações arquitetônicas do espaço a abrigar a encenação, ou se instala no ambiente da rua de forma invasiva (montagem de palco, instalação de cadeiras, delimitação do acesso do público).

Para Oliveira (2011), o “Depósito de Teatro” têm em seu repertório duas montagens que podem ser caracterizadas como teatro de rua, pelo fato de não exigirem um espaço com conformações específicas, ou seja, a questão da mobilidade destaca-se como característica de tal modalidade. Porém, a maior parte das experiências do “Depósito” está vinculada ao que ele chama de teatro na rua, ou seja, são aquelas propostas que dependem de um lugar específico para serem realizadas, em sua grande maioria, foram criadas pensando-se na estrutura física do local.

Sob essa perspectiva, um exemplo que pode caracterizar-se como teatro na rua foi a montagem da peça *O Barão nas árvores* (1998), idealizada para

um espaço específico, no caso o Parque Farroupilhaⁱⁱⁱ de Porto Alegre, que contava com a conformação cenográfica das árvores e por isso não podia ser feita em qualquer lugar.



Tal discussão sobre as razões que sugerem as nomenclaturas de “teatro de rua” e “teatro na rua” está presente no discurso dos representantes, e mostra-se como inquietação motivadora da minha investigação, no lugar de estudante, pesquisadora, atriz e espectadora. Sobre tal discussão, Carreira se contrapõe lançando o seguinte apontamento:

Existem inúmeras experiências teatrais pelas ruas, muitas delas não classificadas dentro do limite estreito de nossa ideia de “teatro”, e também aquelas que se classificam como “teatro de rua”, mas que não exercitam um vínculo profundo com a rua como estrutura cultural. Isso sugere uma discussão quase bizantina nessa altura do século XXI, ou seja, qual seria a diferença entre um “teatro de rua” e um “teatro na rua”. (CARREIRA, 2011, p. 17-18)

Ou seja, mais do que delimitar a diferença entre os conceitos, e considerar o que se aplica a cada caso, o autor dissemina a proposta de que o teatro que se lança no espaço urbano, deve ser analisado segundo o seu modo de habitação, ocupação e invasão. Por esta via se reconhece a diversidade de propostas lançadas às ruas e se podem estudar as formas de abordagem do espaço da rua como espaço cênico.

Recentemente, outro posicionamento busca contribuir com as discussões acerca da caracterização do teatro de rua, trata-se do conceito de arte pública. Na sua tese de doutorado, Turle (2011) defende que o teatro de rua deve ser considerado arte pública, no sentido que esta modalidade do teatro realiza-se em espaços públicos, proporcionando livre acesso, e transformando o transeunte em espectador. Sendo assim, o termo “arte pública” tem sua origem no campo das artes plásticas, tratando-se de uma “arte fisicamente acessível, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário” (TURLE, 2011, p. 23).

A partir dos depoimentos dos representantes dos grupos apontados, observa-se certa resistência ao declarar que as práticas feitas no espaço urbano podem ser consideradas de rua. Verifica-se que tal aspecto existe, pois o ato de ir às ruas implica num posicionamento político, mas não necessariamente panfletário, que exige clareza e determinação nas propostas. Quanto à discussão “homérica”, apontada por Carreira, sobre “de rua” ou “na rua” nota-se que os grupos percebem tais diferenças nas práticas, tanto como fazedores como quanto espectadores, porém ainda trata-se de algo duvidoso.

Sendo assim, a “busca” mencionada no título do presente artigo continua. De forma não precipitada, acredita-se que a diversidade de práticas e manifestações artísticas feitas no espaço urbano atualmente motiva e fomenta as discussões e reflexões acerca do teatro. Nesse sentido, acredita-se que a luta pelo reconhecimento do teatro de rua como arte pública é válida, precisando ser difundida e aprofundada no intuito de se fortalecer no panorama da criação de políticas públicas no campo das artes.

REFERÊNCIAS

A REDENÇÃO. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.aredencao.com.br/historico.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

CARREIRA, André. Sobre um ator para um teatro que invade a cidade. **Moringa**: Artes do espetáculo, João Pessoa, v. 2, n. 2, p.13-25, 18 abr. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/index>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

CASTILHOS, Marcos. **“Relatos e Experiências na formação do ator no Teatro de Rua de Porto Alegre”**. Sala dos professores, Departamento de Arte Dramática, UFRGS, 13 de julho de 2011. Entrevistado por Cecília Lauritzen.

MOTTOLA, Adriane. **“Relatos e Experiências na formação do ator no Teatro de Rua de Porto Alegre”**. Sala dos professores, Departamento de Arte Dramática, UFRGS, 15 de junho de 2011. Entrevistado por Cecília Lauritzen.

OLIVEIRA, Roberto. **“Relatos e Experiências na formação do ator no Teatro de Rua de Porto Alegre”**. Sala 08, Departamento de Arte Dramática, UFRGS, 17 de junho de 2011. Entrevistado por Cecília Lauritzen.

TURLE, Noeli. **Teatro de rua é arte pública**: uma proposta de construção conceitual. 2011. 163 f. Tese (Doutorado) - Unirio, Rio de Janeiro, 2011. Cap. 1.

VARGAS, Alexandre. **“Relatos e Experiências na formação do ator no Teatro de Rua de Porto Alegre”**. Sala dos professores, Departamento de Arte Dramática, UFRGS, 15 de junho de 2011. Entrevistado por Cecília Lauritzen.

- i Os cinco grupos estudados na pesquisa são: Tribo de Atuadores Ói Nós Aqui Traveiz, Falos e Stercus, Stravaganza, Povo da Rua, Depósito de Teatro.
- ii As categorias (preliminares) de análise levantadas são: Um teatro em busca de si mesmo; Uma prática transgressora; Um fazer em Grupo; Uma experiência de risco e surpresa.
- iii O Parque Farroupilha, também conhecido como Parque da Redenção, surgiu a partir de uma área localizada nos arrabaldes da antiga cidade, passando, aos poucos, a ser cada vez mais envolto pelo crescimento urbano. Nessa trajetória, testemunhou as mais diversas manifestações políticas, culturais e populares, se tornando um dos mais importantes parques urbanos do país. (Fonte: <http://www.aredencao.com.br/historico.htm>)